

GESTÃO DE COLEÇÕES UNIVERSITÁRIAS DA UFRGS: PROPOSTAS DE GESTÃO DE ACERVOS DE CARÁTER MUSEOLÓGICO EM REDE¹

Ana Carolina Gelmini de Faria²

Ana Celina Figueira da Silva³

Elias Palminor Machado⁴

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS)

RESUMO: O trabalho propõe apresentar e refletir as primeiras etapas do desenvolvimento de dois projetos de extensão vinculados à graduação em Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ambos com enfoque em gestão de acervo universitário: o primeiro, intitulado “Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias”, concebido em 2017 no planejamento das comemorações dos 10 anos de vigência do curso a fim de preservar os vestígios de sua trajetória e o segundo, denominado “Gestão de Acervos Museológicos da UFRGS”, iniciado em 2018 com a intenção de contribuir na gestão de museus e coleções visitáveis da Universidade, com a primeira parceria firmada com o Instituto de Física da UFRGS. Iniciou-se um tratamento de gestão de acervos de viés museológico, processo que culminará em um repositório digital de acesso público. Para o desenvolvimento dos projetos o repositório digital Taincan foi selecionado como software livre para implementação das políticas de gestão de acervo. Pretende-se compartilhar o processo metodológico que viabilizou a concepção da incorporação dos itens de informação no repositório digital escolhido, procedimento que despertou debates teóricos sobre gestão de acervos a partir da empiria.

PALAVRAS-CHAVE: Museologia. Gestão de acervos museológicos. Coleções universitárias. Repositório digital. Taincan.

¹ Esse texto foi apresentado como comunicação no *Encuentro Internacional “Organismos Museológicos Hiperconectados”*, realizado em novembro de 2018 no Paraguai, e organizado pelo Comitê Nacional Paraguai do Conselho Internacional de Museus (ICOM) e o Museu ITAIPU - terra guarani, reunindo três comitês internacionais do ICOM: ICOFOM LAM (Museologia), CECA (Educação e Ação Cultural) e o Grupo UMAC (Museus e Coleções Universitárias).

² Docente do Curso de Museologia do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/FABICO/UFRGS) e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da mesma universidade (PPGMusPa/UFRGS); Museóloga (UNIRIO) mestre e doutora em Educação (UFRGS). Contato: carolina.gelmini@ufrgs.br

³ Docente do Curso de Museologia do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/FABICO/UFRGS); Historiadora e museóloga (UFRGS) mestre em Ciência Política (UFRGS) e doutora em História (UFRGS). Contato: ana.celina@ufrgs.br

⁴ Museólogo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS); Museólogo (UNIRIO) e mestre em Patrimônio Cultural (UFSM). Contato: elias.machado@ufrgs.br

MANAGEMENT OF UNIVERSITY COLLECTIONS AT UFRGS: MANAGEMENT PROPOSALS FOR ONLINE MUSEUM COLLECTIONS

ABSTRACT: *The paper proposes to present and reflect on the first stages of the development of two university extension projects linked to undergraduate studies in Museology at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), both focusing on the management of university collections: the first, entitled “Museology at UFRGS: histories and memories”, conceived in 2017 as part of the celebrations of the course’s 10 year anniversary in order to preserve the traces of its history and the second, called Management of UFRGS’ Museological Collections”, started in 2018 with the intention to contribute in the management of museums and visitable collections of the University, with the first confirmed partnership being the Institute of Physics of UFRGS. A treatment of the management of museological collections began, a process that will culminate in a publicly accessible digital repository. For the development of the projects the Taincan digital repository was the free software selected to implement the collection management policies. The purpose is to share the methodological process that made the incorporation of information items in the chosen digital repository possible, a procedure that raised theoretical debates about the management of collections based on empiricism.*

KEYWORDS: *Museology. Management of museum collections. University collections. Digital repository. Taincan.*

GESTÃO DE COLEÇÕES UNIVERSITÁRIAS DA UFRGS: PROPOSTAS DE GESTÃO DE ACERVOS DE CARÁTER MUSEOLÓGICO EM REDE

GESTÃO DE COLEÇÕES UNIVERSITÁRIAS: um desafio

Gerir museus e coleções visitáveis vinculadas a universidades é uma experiência singular. Cada iniciativa é fruto da idealização de sujeitos sobre o que é museu e universidade e, conseqüentemente, o que potencialmente vem a ser um museu ou coleção universitária. Dentre suas características, destaca-se uma em comum: estar a serviço da comunidade. Nessa perspectiva, museus e coleções universitárias visam preservar, pesquisar e promover o patrimônio cultural sob sua salvaguarda na perspectiva do ensino, pesquisa, extensão e inovação.

Para Maria Célia Teixeira Moura Santos⁵, no que tange o campo dos museus universitários brasileiros, especialmente em relação à gestão e infraestrutura, a idade de ouro está distante de acontecer. A autora ainda é mais enfática: é improvável alcançarmos um grau de satisfação coletiva. Porém, embora seja uma sentença de impacto, defende que é por meio dela que agendas propositivas são implementadas, incentivando o desenvolvimento de políticas e projetos que resultam na retroalimentação de pessoas e setores, bem como no compartilhamento de informações e experiências. De acordo com Ulpiano Bezerra de Meneses⁶, trabalhar com museus universitários instiga a reflexão: são museus *na* universidade ou *da* universidade? Em sua percepção, o que encontramos no cenário brasileiro do campo museal são museus na universidade, que se vinculam administrativamente às universidades (quando ocorre), mas que, em suas palavras, não “[...] integram solidariamente as funções científico-documentais, educacionais e culturais da Universidade com a marca da ação museal”⁷. O desafio é ser um museu da universidade, que produza e sociabilize de forma eficaz o conhecimento operado a partir da materialidade enquanto fonte de informação.

A partir da pesquisa produzida por Lídia Maria Meirelles⁸ identifica-se que o Brasil contava, no momento da publicação de sua tese, com 120 museus universitários federais vinculados a 60 universidades, sem contabilizar centros de documentação, memoriais e similares. De acordo com a autora os museus universitários, através de seu corpo funcional, têm participado ativamente do campo museal. Atualmente conta-se com redes de museus

⁵ Santos (2008).

⁶ Meneses (2002).

⁷ MENESES, 2002, p.33.

⁸ Meirelles (2015).

instituídas nas universidades, com a Rede de Museus e Coleções Universitárias (abrangência nacional) e o Comitê Internacional para Acervos e Museus Universitários (UMAC) do Conselho Internacional de Museus (ICOM), por exemplo.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) foi implementada, em 2011, a Rede de Museus e Acervos Museológicos (REMAM) com a proposta de “potencializar e qualificar a atuação museológica, [...] atuando como aglutinador dos diferentes espaços museais da Universidade, [...] de modo a favorecer a mediação, parceria, intercâmbio de informações e incentivo à qualificação”⁹. Sua adesão é voluntária e visa fomentar a qualificação dos serviços de preservação, pesquisa e popularização do patrimônio científico e histórico-cultural produzido pela Universidade ou em sua salvaguarda¹⁰. A primeira formação da REMAM conta com 24 membros, além da participação da graduação em Museologia.

O curso de Museologia da UFRGS completa, em 2018, 10 anos de vigência. Possui em sua grade curricular disciplinas obrigatórias e eletivas que trabalham diferentes etapas da gestão de acervos, como documentação e pesquisa museológica. Essas atividades de ensino oportunizaram a articulação do curso com outras unidades da UFRGS, potencializando o exercício das habilidades e competências do profissional com acervos de caráter museológico. As experiências exigem, inclusive, o amplo diálogo de práticas contemporâneas, como o acesso on-line às coleções de caráter museológico e a interoperabilidade entre os atuais sistemas de informação e comunicação de museus. A fim de sociabilizar e ampliar o debate sobre os desafios da gestão de acervos universitários, dois projetos de extensão vinculados à graduação em Museologia da UFRGS serão apresentados, tendo como tema central a disponibilização e a preservação de acervos culturais em meio digital.

PROJETO MUSEOLOGIA NA UFRGS: *Trajetórias e Memórias*

Em 2017 discentes, docentes e técnico-administrativos iniciaram as tratativas das comemorações dos 10 anos do curso de Museologia da UFRGS. A graduação foi idealizada na conjuntura do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), tendo autorização de funcionamento em sessão do Conselho Universitário de 20 de julho de 2007. Em 2008 foi realizado o vestibular e houve o ingresso da primeira turma de 30 ingressos.

⁹ SOUZA, FAGUNDES, LEITZKE, 2014, p.4-5.

¹⁰ Idem, 2014.

A proposta era desenvolver uma programação diversificada que promovesse atividades reflexivas e, como desdobramento, ações de médio e longo prazo. Nesse percurso identificou-se que indícios da história da graduação não estavam sendo preservados e que estes registros integram a história do ensino em Museologia no país, sobretudo da região sul do Brasil. A partir desse diagnóstico foi desenvolvido o projeto de extensão “Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias”¹¹, que tem por objetivo preservar as evidências materiais e as memórias do ensino em Museologia nessa universidade. Para sua execução a equipe constituída realizou diversas reuniões que definiram opções teórico-metodológicas para a condução da gestão do acervo, encontros que ocorrem periodicamente. Três decisões foram significativas: a coleta museal com a definição das linhas mestras do acervo (coleções-guia); o sistema de gerenciamento de dados; e os metadados para a inserção dos itens de informação.

O primeiro desafio foi definir a coleta museal (CM). De acordo com Zbyněk Zbyslav “[...] não se pode ver a CM de maneira isolada, ou, eventualmente, como apenas um momento na aquisição. [...] o seu sentido é determinado pela finalidade a que deve servir, ou seja, a coleção. O sentido da CM é dado pela coleção”¹². Assim, a equipe tomou por desafio definir quais seriam as linhas mestras do acervo que representassem o ensino da Museologia na UFRGS. Foram pesquisados projetos similares e uma parceria foi estabelecida com o Núcleo de Memória da Museologia no Brasil (NUMMUS)¹³ da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Projeto iniciado em 2005, sob coordenação do prof. Dr. Ivan Coelho de Sá, tem por finalidade recuperar e preservar os vestígios da memória da Museologia no país em uma base de referências para consultas e pesquisas¹⁴. Após leituras, trocas de experiências e análises empíricas, a equipe definiu a constituição de sete coleções-guia: Institucional; Ensino; Pesquisa e Extensão; Exposições Curriculares; Eventos; Saída de Campo e Itinerários.

O segundo desafio foi selecionar o sistema de gerenciamento de dados. A equipe tinha por intenção optar por um software que estimulasse o debate acadêmico referente às

¹¹ Atualmente a equipe do projeto de extensão é composta por: Ana Carolina Gelmini de Faria (coordenadora), Elias Palminor Machado (vice-coordenador), Alahna Santos da Rosa, Ana Celina Figueira da Silva, Bruna Argenta Model, Lourdes Maria Agnes, Marlise Maria Giovanaz, Priscila Chagas de Oliveira, Vanessa Barrozo Teixeira Aquino. Compõem o quadro de bolsa-evento: Ana Paula Machado da Silva, Diogo Santos Gomes e Victória Lima Hornos. Os demais docentes do curso de Museologia são colaboradores do projeto.

¹² STRÁNSKÝ, 1989, p.4.

¹³ Para conhecer o trabalho do NUMMUS, consultar: SIQUEIRA, Graciele Karine; GRANATO, Marcus; SÁ, Ivan Coelho de. Relato de experiência: o tratamento e a organização do acervo documental do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil, Rio de Janeiro. *Revista CPC*, São Paulo, n. 6, 2008. p. 142-169. Disponível em: http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/conteudo_revista_colecao_arquivo_pdf/ksiqueira_mgranato_icsa.pdf Acesso em set/2019.

¹⁴ SÁ, 2012.

questões e práticas contemporâneas mais atualizadas quanto à digitalização, à disponibilização e à preservação de acervos culturais em meio digital no campo museal. Segundo Dalton Lopes Martins, Marcel Ferrante Silva e Danielle do Carmo iniciativas que envolvem acervos em rede encontram barreiras técnicas e políticas no cenário nacional:

Embora atualmente no Brasil existam algumas iniciativas que objetivam conectar os acervos de instituições culturais e disponibilizá-los em rede, o objetivo de alcançar a abrangência do território brasileiro ainda se encontra longe de ser alcançado. No entanto, tanto pesquisadores e acadêmicos da área, ações governamentais em âmbito federal e estadual quanto ações da sociedade civil organizada vêm demonstrando a preocupação com a questão e produzindo esforços no sentido de enunciar a necessidade de uma política que procure incentivar a produção de acervos em rede no país. As práticas encontradas ainda são muito limitadas, isoladas e carecem de apoio técnico e de modelos de governança escaláveis para o território brasileiro. O que se identifica hoje no país é uma falta de incentivo explícito, tanto político quanto econômico, que especificamente procure ofertar soluções para a questão dos acervos e articular as instituições culturais nessa direção¹⁵.

Tendo conhecimento desse cenário a equipe do projeto de extensão optou pelo repositório digital Tainacan, ferramenta de código aberto voltada para a gestão de repositórios digitais desenvolvido pelo laboratório Media Lab da Universidade Federal de Goiás (UFG) em parceria com Ministério da Cultura (MinC) e do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). O Tainacan é um modelo que servirá de base para a difusão de um sistema de informação museológico gratuito e colaborativo, embasado no atual Projeto de Política Nacional de Acervos Digitais do MinC. De acordo com seu site, o software-livre tem por objetivos:

1. Desenvolver uma **plataforma de fácil uso, customizável e simples de gerir**, o Tainacan, voltada para gestores e usuários de acervos digitais;
2. Implementar dinâmicas de **participação social e estímulo a inteligência coletiva** na gestão dos acervos em rede, permitindo novas formas de inclusão dos usuários e nos novos modos de **gestão participativa**;
3. Servir como base para a implementação de um **serviço de rede**, onde instituições e projetos culturais possam acessar o Tainacan sem a necessidade de instalação, criando sua conta, disponibilizando e gerindo seu acervo de maneira descentralizada;
4. Facilitar a integração dos diferentes acervos já existentes no Brasil e gerar um **campo de busca única** para facilitar o acesso aos diversos conteúdos já digitalizados e disponíveis no país;
5. Facilitar e promover a **gestão de bens museológicos** em sua versão Tainacan+Museus¹⁶.

¹⁵ MARTINS; SILVA; CARMO, 2018, p. 203.

¹⁶ TAINACAN, 2018, doc. eletr., grifo do autor.

A perspectiva é que a utilização da ferramenta Tainacan garanta o acesso colaborativo às coleções concebidas e a interoperabilidade da informação. Para isso o terceiro desafio foi estabelecer os metadados que constituiriam o repositório digital. Para Fábio Rogério Batista Lima, Plácida Leopoldina Santos e José Eduardo Santarém Segundo os padrões de metadados nas coleções de caráter museológico facilitam “[...] a troca de dados entre museus que utilizam o mesmo padrão, auxiliam a recuperação automática da informação e promovem a consistência nos bancos de dados, tornando mais fácil o compartilhamento de informações”¹⁷. A estrutura dos metadados do projeto de extensão foi baseada na Resolução Normativa nº2 de 29 de agosto de 2014¹⁸, fundamentando a seleção dos descritores do acervo vinculado ao projeto de extensão (Figura 1). Salienta-se que consultas ao Centro de Memória do Esporte (CEME)¹⁹ da UFRGS colaboraram para a adoção de uma metodologia de trabalho, auxiliando na estrutura da política de incorporação de acervo e no emprego da História Oral na constituição da coleção Itinerários.

¹⁷ LIMA; SANTOS; SEGUNDO, 2016, p.56.

¹⁸ Estabelece os elementos de descrição das informações sobre o acervo museológico, bibliográfico e arquivístico que devem ser declarados no Inventário Nacional dos Bens Culturais Musealizados, em consonância com o Decreto nº 8.124, de 17 de outubro de 2013 (IBRAM, 2014).

¹⁹ O trabalho do CEME/UFRGS está disponível em: <http://www.ufrgs.br/ceme/site/>. Acesso em set/ 2019.


Figura 1 – MSL4.7.1 Logotipia da Exposição *Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão*

Tainacan

Home / Exposições Curriculares / MSL4.7.1 Logotipia da Exposição Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão

MSL4.7.1 Logotipia da Exposição Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão

Enviado por: Lourdes Maria Agnes Date de envio: 12/04/18



Tipo Imagem	Votação
Miniatura	Compartilhamento f t G+ ↻
Licença Nenhuma licença cadastrada para este item	Tags 2017 Feminismo Mulher Museologia Museu Ufrgs
Metadados	
Número de registro MSL4.7.1	Classificação Não se aplica
Subcoleções Nós podemos! a mulher da submissão à subversão	Outros números Sem informação
Data 2017	Localização Servidor da UFRGS
Dimensões 148Kb	Material/Técnica Arquivo digital / PNG
Produtor/Autor Vanessa de Oliveira Vellozo	Procedência Porto Alegre, RS, Brasil
Descrição Física do objeto (Descrição Intrínseca) Logotipia criada para a exposição Nós Podemos! a mulher da submissão à subversão, composta pelas cores branca, preta, vermelha e azul marinho com a imagem de uma mulher, sem rosto definido empunhando o braço direito expressando força, conforme imagem inspiradora do cartaz de Rosie, a rebeldadeira como o gesto "We can do it!". A imagem está de perfil, no canto inferior esquerdo, tendo na suas costas, no sentido vertical, a frase "A Mulher da submissão à subversão" na cor azul marinho. Na cabeça, há um lenço poá, de fundo na cor vermelha com bolinhas brancas circundadas de cor preta, o cabelo é preto e está preso pelo lenço. Veste uma blusa de mangas arregaçadas na cor azul marinho, há uma sobreposição na imagem de frase "Nós Podemos!" na cor amarela.	Comentários/Dados Históricos (Descrição Extrínseca) Logotipia da exposição Nós Podemos! a mulher da submissão à subversão criada a partir do cartaz We Can Do It. Esta identificou toda documentação, folheteria impressa e eletrônica emitida pela Curadoria compartilhada da exposição. Suas cores também foram utilizadas nas plotagens e ambiente expositivo.
Condições de reprodução Autorizada, desde que citada a fonte	Mídias relacionadas Não se aplica
Observações adicionais Campo vazio. Clique para editar.	Estado de conservação Ótimo

Deixe seu comentário

Nome: E-mail: Site:

Fonte: Disponível em: <http://memoriamslufrgs.online/tainacan/colecao/exposicoes-curriculares/>. Acesso em set/2019.

Essas opções propiciam uma concepção metodológica para gerenciamento de acervos universitários, com ênfase em documentação e pesquisa museológica, e possibilitou sua implementação em novas parcerias, como na coleção visitável do Instituto de Física da UFRGS.

PROJETO GESTÃO DE ACERVOS MUSEOLÓGICOS DA UFRGS

O projeto de extensão *Gestão de Acervos Museológicos da UFRGS*²⁰, iniciado em março de 2018, tem como objetivo orientar as diversas unidades da Universidade que guardam acervo museológico, integrantes ou não da REMAM, em relação a ações de processamento desses materiais visando uma melhor gestão documental e disponibilização ao público, tornando, assim, esses conjuntos documentais fontes potenciais de investigação. Nesse sentido, a proposição do projeto parte do entendimento dos acervos museológicos como fontes de informação e, portanto, de pesquisa, bem como da relevância da implementação de sistemas que possibilitem a recuperação dessas informações e sua disponibilização à comunidade acadêmica e em geral, contribuindo, dessa forma, na possibilidade de construção e divulgação da história institucional da UFRGS.

A unidade onde o projeto inicia suas atividades é o Instituto de Física, mais precisamente nos Laboratórios de Ensino de Física (LEF)²¹. Essa escolha justifica-se pelo prévio conhecimento do acervo proporcionado a partir de pesquisa de algumas peças de caráter museológico realizada pelos alunos do curso de Museologia/UFRGS na disciplina eletiva *Tópicos Especiais em Pesquisa Museológica* (BIB03097), ministrada em 2017. A pesquisa trouxe informações importantes que valoraram o acervo e demonstraram a necessidade de tratamento museológico da coleção. Tal demanda foi observada não somente pelos estudantes, mas também pelo corpo técnico dos LEF que, percebendo a relevância dos objetos sob sua guarda, relativo à história do ensino de Física, sentiu a necessidade de melhor organizar o acervo de acordo com as diretrizes museológicas, visando sua maior preservação e divulgação.

A opção da utilização do repositório digital Tainacan já estava estabelecida desde a concepção desse projeto, tendo em vista a experiência da equipe em relação ao uso dessa ferramenta no projeto de extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias* iniciado um pouco antes, em 2017, conforme acima descrito. Nesse sentido, considera-se que o projeto

²⁰ A equipe do projeto é composta, atualmente, por: Ana Celina Figueira da Silva (coordenadora); Ana Carolina Gelmini de Faria; Elias Palminor Machado; Vanessa Barrozo Teixeira Aquino. A graduanda em Museologia, Nathália Freitas, é bolsista de extensão/PROEXT até 28 de fevereiro de 2019.

²¹ Localizado na Av. Bento Gonçalves, 9500, bairro Agronomia, Porto Alegre/RS. Campus do Vale, Prédio 43125-41.

Museologia na UFRGS, embora recente e em execução, já resultou em aprendizado metodológico, permitindo a proposição e desenvolvimento de nova ação.

O trabalho iniciou-se e segue com reuniões periódicas no Instituto de Física com a participação dos membros da equipe do Projeto e dos técnicos dos LEF²², para tomada de decisões pertinentes ao desenvolvimento do trabalho, envolvendo exposição de dificuldades e soluções.

A primeira decisão foi que, devido o período de vigência do projeto²³, todos os objetos do acervo museológico dos LEF²⁴ iriam ser inseridos no Tainacan, mesmo aqueles que ainda não tivessem recebido uma pesquisa aprofundada, o que poderá ser realizado posteriormente. Isso garante o registro inicial e controle do acervo.

O registro está sendo realizado a partir de dezesseis subcoleções: Astronomia; Comunicação; Engenharia; Física/Acústica; Física/Eletromagnetismo; Física/Eletrostática; Física Atômica e Nuclear; Física/Magnetismo; Física/Mecânica; Física/Mecânica dos Fluidos; Física/Termodinâmica; Física/óptica; Meteorologia; Metrologia; Navegação; Química. Portanto, fica claro que o critério de organização da informação não é a tipologia material, mas a área (ou subárea) do conhecimento a que o instrumento corresponde.

Os procedimentos de tratamento do acervo são realizados a partir de diretrizes de gestão disponibilizadas por bibliografia especializada e nesse sentido ocorreu a determinação do sistema de numeração, a denominação dos objetos a partir de terminologia controlada e a produção de imagem fotográfica de cada um dos itens para fins de reconhecimento dos itens de informação. Idêntico ao projeto anteriormente mencionado, a estrutura de metadados foi elaborada seguindo a Resolução Normativa nº2 do IBRAM, acrescida de campos específicos complementando as informações sobre o acervo (Figura 2).

²² Os técnicos que acompanham ativamente o projeto são Gabriel Cury Perrone e Lara Elena Sobreira Gomes, ambos graduados em Física. A graduanda em Museologia, Silvana Fraga, bolsista dos LEF, também atua nas atividades junto ao acervo. Gabriel Perrone é o atual técnico responsável pelos Laboratórios.

²³ Período de execução de 19/3/2018 a 28/2/2019.

²⁴ Formado por 330 objetos de composição material diversificada (vidro, madeira, plásticos, metais, couro) correspondendo a instrumentos utilizados em experimentos físicos. O Acervo Museológico dos LEF foi “Organizado com a missão de contar a história da educação científica praticada pelo Instituto de Física (IF) da UFRGS (...) [e] reúne experimentos da Física Básica tão antigos quanto o próprio Instituto (fundado em 1954)” (SOUZA, FAGUNDES, LEITZKE, 2014, p.19). Parte do acervo está exposto em vitrines localizadas no prédio dos Laboratórios e o restante do material, na sala dos técnicos dos LEF.

Figura 2 – AMLEF016 Amperímetro/Voltímetro

AMLEF016 Amperímetro / Voltímetro
Detalhes Editar Incluir


AMLEF016 Amperímetro / Voltímetro

Enviado por: Elias Machado Data de envio: 24/03/19

Tipo

Texto

Miniatura



Tags

Campo vazio. Clique para editar.

Metadados

Número de registro

AMLEF016

Outros números

"1", "E", "1"

Classificação

FISICA / MAGNETISMO / INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS / INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS DE MEDIDA / Amperímetro / Voltímetro

Local de produção

Barriz S.S. Alemanha

Tipo de aquisição

SEM INFORMAÇÃO.

Dimensões

Altura: 16cm; Largura: 21cm; Profundidade: 8cm; Peso: 1,3kg.

Estado de conservação

Regular; apresenta áreas de metal corroídas e peças em madeira se desprendendo.

Notação

Compartilhamento

Facebook Twitter LinkedIn YouTube

Número de Patrimônio da UFRGS

Não possui

Denominação

Amperímetro / Voltímetro

Situação

Localizado

Fabricante/autor

Ferdinand Emcke

Data de produção

Campo vazio. Clique para editar.

Data de aquisição

Campo vazio. Clique para editar.

Material/Técnica

Madeira, vidro, cobre, latão, metal, plástico, papel.

Descrição Física do objeto (Descrição Intrínseca)

Observo o objeto de frente, ele possui base retangular de madeira, onde embaixo no centro, e a parte frontal da base, existe um pequeno regulador mecânico com duas parafusos à direita, dois parafusos à esquerda e ao centro um regulador giratório, em formato circular, os controles estão alinhados horizontalmente. Essa parte em metal está um pouco enterrada. A base sustenta uma placa de papel, fixada com seis parafusos (um no canto superior esquerdo; um em cima no centro; um no canto superior direito; um no canto inferior esquerdo; um embaixo no centro e a última no canto inferior direito) na bobina que se encontra na sua parte de trás. Na placa, em cima no centro, existe a inscrição do fabricante "FERDINAND EMCKE" e logo abaixo "Hofschleuse St. Val. Das Maschinen-Kassens" seguida logo abaixo de "1878-1879". Ao centro dela existe um medidor duplo em formato de semi-círculo com as inscrições "100" logo acima e embaixo no centro a inscrição "Tensões". Tanto na parte da linha superior quanto na parte da linha inferior do medidor existem as inscrições "0, 1, 2, 3", paralelas entre si, de esquerda para direita. Existe a inscrição do número "1", abaixo, na linha inferior do medidor, entre as curvas "10" e "20". Abaixo do medidor, no canto superior esquerdo, existe a impressão de uma figura que lembra o desenho de esculturas gregas (ou deuses/usasas gregas). O eixo da placa se encontra um pouco enterrado, principalmente nas laterais. Embaixo no centro da base de madeira do objeto, origina-se um ponteiro preto na posição vertical, para indicação de corrente elétrica (amparagem), atravessando a placa por sua forma alongada, mais à direita. Nessa mesma direção vertical, preso a parte superior da bobina que se encontra na parte de trás da placa, existe um ponteiro preto para indicação de voltagem (voltímetro), também atravessando a placa do objeto de forma diagonal, mais à esquerda. Presso em cima dessa base de madeira, na lateral esquerda, existe um pequeno objeto de metal, em formato cilíndrico, com um regulador giratório na sua parte superior, em formato circular, que serve para ligar os fios para medir corrente e voltagem. Na lateral direita, além disso, existe também, ainda alinhada a dois parafusos, um em cada lateral, os quais aparentemente estão presos na parte de baixo da base de madeira, enterrados-o. A base de madeira está sustentada por pés de metal. Na lateral esquerda, há um pé em formato cilíndrico que chapeia a linha horizontal da base, com formato triangular na parte que toca o chão. Na lateral direita, o pé também tem formato cilíndrico com seguimento triangular na parte que toca o chão, porém existe um círculo acima desse espólio e outro círculo regular na parte superior do pé, sendo este localizado no centro da lateral da base. Tanto está preso à esquerda de identificação do objeto, fica visível somente um pedaço da bobina colada anteriormente, com uma estrutura retangular de metal, onde há ligação de uma estrutura circular também de metal que segura o ponteiro do voltímetro, duas bobinas de cobre e uma estrutura firme, de metal, que em sua extremidade possui um fio pendurado, cabido para dentro do orifício da bobina. No verso do objeto, embaixo no centro de base de madeira, existe um pequeno retângulo de metal, fixado na madeira com seis parafusos. Abaixo da base, nessa mesma parte, está colada a bobina de três parafusos. Existe um retângulo de metal do orifício circular onde pode ser inserida uma pequena chave de metal, com a "bobina" de plástico, que serve para mudar a função do objeto: medir corrente ou voltagem. Ao lado direito do retângulo de metal, existe a inscrição "10", "Tensões", "Tensões" e do lado esquerdo a inscrição "10", "Tensões". "100". As inscrições parecem ter sido feitas com gravador. Na parte de cima da base de madeira, no centro, possui uma alfinete em formato de triângulo, também em madeira, onde é enfiado o vidro de cúpula que cobre o objeto. Dessa forma, é possível enfiar a bobina já colada anteriormente, tendo ao seu lado esquerdo outra bobina de madeira de seu tamanho.

Comentários/Dados Históricos (Descrição Extrínseca)

O objeto aqui estudado é analógico, apresentando as medidas através dos ponteiros do medidor. O voltímetro é um instrumento que serve para medir a diferença de potencial (tensão elétrica) entre dois pontos de um circuito elétrico, apresentando a medida em volts (V). O amperímetro é um instrumento que serve para a medida a intensidade de corrente elétrica, apresentada em ampères (A), servindo também para indicar o sentido da corrente positiva, se circular no sentido horário; negativa, se circular no sentido anti-horário. Para medir a corrente a resistência ligada em série e se quiser medir a tensão elétrica, ligar em paralelo.

Até onde as informações históricas, poder-se identificar que o objeto foi produzido e possivelmente utilizado no período de Quatro Pias (1948-1951), mais especificamente no período de vigência de Berlim Ocidental (1949-1989), contendo também como República Democrática Alemã (RDA), ao investigar a inscrição "Hofschleuse St. Val. Das Maschinen-Kassens", contida na sua placa de papel, encontramos em uma página eletrônica uma "Lista de fornecedores mecânicos com o qual trabalhamos para indicar o sentido da corrente" no Reino da Prússia, o monarca conhecido o título de formador do Tribunal e Sua Majestade o Rei para fornecerem materiais com o qual trabalhamos "Hofschleuse, loc. eletr. (R.D.)". Nessa mesma página foi encontrada uma imagem semelhante à qual a que está impresso no canto superior esquerdo de placa do objeto, que representa o trem de Armas da Prússia durante os anos de 1890-1900; região de Alemanha antes do país ser unificado nos nos anos e interpretação de que tanto o termo quanto o desenho impresso eram utilizados como meio de qualidade de produtos alemães/alemães durante o comércio da Prússia (século XVIII), região que deu origem e atual Alemanha, que provavelmente continuou sendo usada nos anos seguintes.

Até onde as informações com os professores de Física do Instituto de Física (IF) Silvio Luiz Souza Cunha e Ricardo Eugênio Franco Sanches, além de colaboração do servidor do Observatório Astronômico Claudio Rogério Benvenuto, concluiu-se que o instrumento ao chegar no IF já estava ultrapassado tecnologicamente, portanto não foi utilizado em contexto pedagógico e serviu apenas como objeto histórico. Além disso, não foi possível precisar o ano em que o objeto aderiu ao acervo do IF, mas é provável que esteja na instituição no mínimo desde a década de 1960, sendo a localização de Berlim, de Física foram transferidas para o Campus do Vale. Quanto a reprodução acadêmica, o objeto não foi encontrado a venda em nenhum local no internet. Não foi possível encontrar o objeto em catálogo de empresa Ferdinand Emcke.

Restauração

SEM INFORMAÇÃO.

Referências

OMM. Voltímetro. Disponível em: <https://www.omm.com.br/porta-verticais/medidor-voltimetro/>. Acesso em: 13 jan. 2018.

DE ALEMANHA. República Democrática Alemã. Disponível em: <http://www.dia.com.br/002/replicas/replicas-democratica-alemã/replicas-democratica-alemã-1970-1990/>. Acesso em: 13 jan. 2018.

INDUSTRIA VOLTE. Amperímetro. O que é e para que serve. Disponível em: <https://www.industriahomem.com.br/amperimetro-o-que-e-e-para-que-serve/>. Acesso em: 18 jan. 2018.

WIKIPÉDIA. Lista produzidor de Hoffmann. Disponível em: https://de.wikipedia.org/wiki/Liste_Produzierer_Hoffmann_Instrumente. Acesso em: 13 jan. 2018.

Condições de reprodução/difusão

SEM RESTRIÇÃO.

Documentos/mídias relacionadas

Campo vazio. Clique para editar.

Observações










DESCOBERTOR: AMLEF016; Casa de Madeira

Data

Data de modificação

atualização

Anexos

Fonte: Disponível em: <https://www.ufrgs.br/gestaodeacervos/item/amlef016-amper%C3%A0metro-volt%C3%A0metro/>. Acesso em set/2019.

Revista Eletrônica Ventilando Acervos, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 6-18, dez. 2019.

16

Os campos informativos são preenchidos a partir de orientações indicadas em manual elaborado pela equipe e em fase de revisão, buscando uma padronização na inserção dos dados.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os dois projetos descritos apresentam especificidades, no sentido de que o primeiro registra informações de acervo em formação, onde o estabelecimento de critérios de seleção fez parte do processo inicial das atividades, enquanto o segundo trata com acervo previamente constituído. Também podemos apontar que, diferentemente do segundo projeto que trata somente com objetos tridimensionais, o primeiro caracteriza-se pela diversidade, incluindo também documentos bidimensionais, imagéticos e nato-digitais, abrindo discussões e desafios relativos às formas de registro adaptadas às necessidades do campo museal.

Em que pese essas diferenças, pode-se considerar que em ambas as experiências, através da utilização do software Tainacan, está sendo possível a organização dos itens de informação visando sua posterior recuperação e compartilhamento. Nesse sentido, considera-se que para além da obrigação legal de registrar e documentar os acervos museológicos²⁵, os projetos descritos ampliam a noção dos espaços de memória, considerando-os também como “ambientes de informação e contexto documentário”²⁶, promovendo uma prestação de serviço de informação capaz de gerar produção de conhecimento.

Evidencia-se, dessa forma, alguns desafios da gestão de acervos universitários, mas também o quanto coleções dessa natureza podem contribuir para a produção de novos recursos e metodologias aplicadas às necessidades do campo museal. Pretende-se que as iniciativas apresentadas sejam experiências de gestão de acervos que estimulem a aplicação de tecnologias para o acesso às coleções patrimoniais brasileiras. A execução dos projetos evidencia a indissociabilidade entre extensão, ensino e pesquisa, despertando inúmeras formas de interação entre a universidade e sociedade através da Museologia e dos museus.

²⁵ Determinada no Estatuto de Museus - Lei Federal 11.904 de 14 de janeiro de 2009, Subseção IV, Artigos 38 a 41, regulamentados pelo Decreto Lei nº 8124 de 17 de outubro de 2013, Artigos 11 e 12.

²⁶ CERAVALLO; TÁLOMO, 2007, n.p.

REFERÊNCIAS

CERAVOLO, Suely Moraes; TÁLAMO, Maria de Fátima. Os museus e a representação do conhecimento: uma retrospectiva sobre a documentação em museus e o processamento da informação. *VIII ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, Bahia, 2007. 10p.

IBRAM. *Resolução Normativa nº 2, de 29 de agosto de 2014*. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/ResolucaoNormativa2_INBCM.pdf>. Acesso em ago/2018.

LIMA, Fábio Rogério Batista; SANTOS, Plácida Leopoldina V. A. C.; SEGUNDO, José Eduardo Santarém. Padrão de metadados no domínio museológico. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.21, n.3, 2016. p.50-69.

MARTINS, Dalton Lopes; SILVA, Marcel Ferrante; CARMO, Danielle do. Acervos em rede: perspectivas para as instituições culturais em tempos de cultura digital. *Em Questão*, Porto Alegre, v.24, n.1, 2018. p.194-216.

MEIRELLES, Lídia Maria. *Museus universitários e políticas públicas: gestão, experiências e dilemas na Universidade Federal de Uberlândia, 1986-2010*, 2015, 314p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2015.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. O museu e o problema do conhecimento. *Anais do IV Seminário sobre Museus-Casa: pesquisa e documentação*, Rio de Janeiro. 2002. p.17-40.

SÁ, Ivan Coelho de. Pesquisa recuperação e preservação da memória da Museologia no Brasil. *XIII ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, 2012. 14p.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Museus universitários brasileiros: novas perspectivas. In: _____. *Encontros Museológicos: reflexões sobre a Museologia, a Educação e o museu*. Rio de Janeiro: MinC/ IPHAN/ DEMU, 2008. p.230-239.

SOUZA, Cidara Loguercio; FAGUNDES, Lígia Ketzer; LEITZKE, Maria Cristina Padilha (orgs.). *Guia REMAM 2012-2014: conhecendo os acervos e museus da UFRGS*. Porto Alegre, 2014. 40p.

STRANSKY, Z. Z. Política Corrente de Aquisição e Adaptação às Necessidades de Amanhã. *Cadernos Museológicos*, nº 2, Rio de Janeiro, MinC/SPHAN-Pró-Memória, 1989. 6p.

TAINACAN. *Tainacan*, 2018. Disponível em: <<https://www.medialab.ufg.br/p/20446-tainacan>>. Acesso em ago/2018.